

# MISSÃO COM MULHERES

Criando e multiplicando grupos  
de apoio para mulheres em  
situação de violência





IGREJA EVANGÉLICA  
DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

IECLB

## MISSÃO COM MULHERES

Criando e multiplicando grupos de apoio  
para mulheres em situação de violência

**2023**



## EXPEDIENTE:

### © Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - 2023

Rua Senhor dos Passos, 202, 4º andar

90020-180 – Porto Alegre – RS | Brasil

Fone: +55 51 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

www.luteranos.com.br

**Conteúdo:** Dra. Anete Roese

**Revisão de conteúdo:** Pa. Carmen Michel, Pa. Dra. Marli Brun, Prof.ª Dra. Osvaldina dos Santos Araújo, P. Dr. Paulo Afonso Butzke, Pa. Ma. Sandra Kamien Thezy

**Revisão ortográfica:** Susanne Buchweitz

**Projeto gráfico e diagramação:** Coletivo de Comunicação Palavra Delas

**Ilustração:** Gisele Franke

**Produção editorial:** Pa. Carmen Michel, Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias da Secretaria da Ação Comunitária da IECLB, e Pa. Dra. Marli Brun, do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST

**Fonte apoiadora:** Obra Missionária Evangélica Luterana na Baixa Saxônia (OMEL); Federação Luterana Mundial (FLM)

**Organização:** Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Missão com mulheres : criando e multiplicando grupos de apoio para mulheres em situação de violência / organização Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. -- São Leopoldo, RS : Associação Sinodal de Editoração - Editora Sinodal, 2023.

ISBN 978-65-5600-064-0

1. Grupo de apoio 2. Mulheres - Aspectos religiosos - Cristianismo 3. Violência contra as mulheres - Prevenção 4. Teologia social I. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

23-178832

CDD-261.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência contra as mulheres : Teologia social : Cristianismo 261.8

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



## SUMÁRIO

- 6 Apresentação
- 8 Por que é importante uma ação missionária com mulheres em situação de violência nas comunidades da IECLB?
- 13 Como se percebe a violência contra mulheres em nosso meio?
- 18 Como essa realidade desafia a Igreja?
- 20 O que a IECLB tem feito para enfrentar essa realidade?
- 23 Por que a Igreja deve participar desse trabalho social?
- 26 Por que ter um grupo de apoio às mulheres em situação de violência na sua comunidade ou paróquia?
- 28 O que faz um grupo de apoio às mulheres em situação de violência nas comunidades luteranas?
- 32 Quais os passos para iniciar um grupo de apoio na comunidade?
- 35 Quem pode participar e qual é a dinâmica do grupo de apoio?
- 37 Como preparar pessoas para atuarem no grupo de apoio?
- 40 A Igreja pode ser uma referência no acolhimento e acompanhamento a mulheres em situação de violência?
- 42 Informações úteis
- 45 Saiba mais
- 47 **Anexos**
  - 47 - Jesus e a superação da violência contra as mulheres
  - 53 - Fortalecer a autoestima das mulheres para vencer a submissão à violência



## APRESENTAÇÃO

*“Felizes as pessoas que trabalham pela paz, pois Deus as tratará como seus filhos!” (Mateus 5.9)*

O compromisso com a justiça, a paz e a reconciliação, que promove vida digna (Meta Missionária 04, 2019-2024) fez com que a IECLB lançasse, em 2020, a Campanha Por um Lar sem Violências, especialmente com dois objetivos: quebrar o silêncio e a invisibilização das situações de violência e conscientizar e encorajar as comunidades a assumirem seu papel profético-diaconal de denunciar as violências como pecado e como crime, fortalecendo as mulheres na busca por socorro e proteção.

A experiência com a campanha Por um Lar sem Violências revelou que, além da conscientização, é necessário preparar pessoas para trabalhar nas comunidades em favor das mulheres que sofrem violência, na conscientização comunitária de que violência é pecado e é crime e no desenvolvimento de ações para a prevenção e superação da violência doméstica.

Assim, como continuidade da Campanha Por um Lar sem Violências, surgiu o curso de extensão Missão com mulheres em situação de violências, criando e multiplicando grupos de apoio nas comunidades da IECLB. O objetivo do curso é capacitar ministras e ministros e lideranças comunitárias para articularem grupos de apoio às mulheres em situação de violências nas suas comunidades.

Para essa formação, realizada de agosto de 2022 a junho de 2023, identificamos e convidamos sete ministras e três ministros que atuam em diferentes comunidades da IECLB e que têm um compromisso com a causa. Solicitamos que cada ministra e ministro convidasse duas lide-

ranças de suas respectivas comunidades para fazerem a formação em conjunto e iniciarem um projeto piloto de articulação de apoio às mulheres que sofrem violência em suas comunidades de fé.

A publicação deste material é fruto das reflexões e partilha de experiências e saberes construídos com a realização da Campanha Por um Lar sem Violências, organizada em parceria com o PGR-EST - Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST e com o apoio do Centro Social Heliodor Hesse, da Fundação Luterana de Diaconia, da Obra Missionária Evangélica Luterana na Baixa Saxônia e da Federação Luterana Mundial.

Desejamos que os recursos aqui apresentados alcancem o maior número possível de lideranças e membros da IECLB, ampliando a possibilidade de mais comunidades refletirem sobre os diversos aspectos da violência doméstica e da violência contra a mulher e o papel diaconal da Igreja na transformação dessa realidade. Além disso, motivamos comunidades, paróquias e sínodos para que atuem na formação de grupos de apoio a mulheres que se encontram em situação de violência doméstica. Desse modo, seguiremos passos mais firmes visando a "A Superação de toda e qualquer forma de violência, inclusive assédio moral e sexual" (Política de Justiça de Gênero da IECLB, Princípio 2).

Gratidão a todas as lideranças comunitárias, ministras e ministros e suas respectivas organizações que, motivadas pelo Evangelho, atuam na prevenção e superação da violência doméstica e familiar.

*Pa. Carmen Michel*  
*Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias*

*P. Olmiro Ribeiro Junior*  
*Secretário da Ação Comunitária da IECLB*



## POR QUE É IMPORTANTE UMA AÇÃO MISSIONÁRIA COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS COMUNIDADES DA IECLB?

1

A missão com mulheres em situação de violência e a construção de relações justas entre as pessoas fazem parte do trabalho missionário da IECLB.

*“A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é uma Igreja comprometida com a propagação do Evangelho, com o estímulo da vivência evangélica em âmbito pessoal, familiar e comunitária, promove a paz, a justiça e o amor na sociedade e participa do testemunho do Evangelho no País e no mundo. (Constituição da IECLB, Art. 3º)*

A IECLB é uma Igreja comprometida com a justiça, a paz e a reconciliação que promove vida digna (Meta Missionária 04, 2019-2024). Para alcançar essa meta, uma de suas áreas prioritárias de ação missionária é a justiça de gênero. Por meio dela, busca desenvolver ações de formação para uma vivência de relações justas entre homens e mulheres e contribuir com a superação da violência doméstica e institucional em todas as instâncias da vida da Igreja e na sociedade.

É princípio da Política de Justiça de Gênero da IECLB:

*A superação de toda e qualquer forma de violência, inclusive assédio moral e sexual. (PJC da IECLB, Princípio 2)*



São objetivos do Princípio 2 da Política de Justiça de Gênero da IECLB:

- Visibilizar e transformar as situações que envolvem violências de gênero em âmbito doméstico e em instâncias da Igreja.
- Apoiar pessoas em situação de violência no processo de formalização da denúncia.
- Promover e apoiar ações de sensibilização e prevenção da violência doméstica, violência contra as mulheres, assédio sexual e moral.
- Desenvolver e apoiar programas de capacitação e formação em acompanhamento pastoral para pessoas em situação de violência, violência doméstica e agentes atores de agressão.

2

O compromisso missionário de enfrentamento à violência contra as mulheres é um mandato do Evangelho de Jesus Cristo!

Enfrentar a violência contra as mulheres é consequência prática da fé, importando-se, como Jesus, com a vida real das pessoas.

No sermão do monte (Mateus 5 a 7), Jesus ensina a respeito de como devem ser as relações humanas e a solução de conflitos na fé cristã. Nele, Jesus apresenta um grande projeto de paz.

Vários textos dos evangelhos são práticas libertadoras de Jesus em relação às mulheres: as curas que Jesus concede a elas – como no caso da mulher encurvada e da mulher com hemorragia (Lucas 13.10-17 e 9.43-48); as palavras de reconhecimento do poder, da fé e do conhecimento delas – a exemplo de Maria, irmã de Lázaro e da mulher cananeia (Mateus 26.6-13 e 15.21-18); as conversas com mulheres – a exemplo da samaritana ao pé do poço, e o perdão que Jesus concede a elas – como no caso da mulher adúltera (João 4 e 8).

3

O compromisso missionário para o enfrentamento da violência contra as mulheres é um caminho para a vivência do mandamento do amor.

Não há violência que possa ser justificada com base na palavra de Deus. Olhando e conhecendo a prática de Jesus, de fato, não há, pois o amor é o mandamento maior – como diz Jesus no Evangelho de Mateus 28.37-39. Amar é o caminho de Jesus.

Os Dez Mandamentos proíbem matar. Não matarás, diz o 5º mandamento (Êxodo 20.13). Portanto o feminicídio é proibido, segundo a lei de Deus, como todo assassinato, desde a lei de Moisés. Para qualquer pessoa é proibido matar. Jesus Cristo atualiza os mandamentos e coloca a ênfase no exercício do amor ao próximo.

A partir de Jesus, seu grupo de discípulos e discípulas, seguidores e seguidoras e demais pessoas da sociedade precisam mudar significativamente seu olhar, seu modo de pensar e sua prática sobre as mulheres em direção a uma ação condizente com o mandamento do amor.

4

O compromisso missionário para o enfrentamento da violência contra as mulheres reconhece que no princípio do cristianismo há uma lei que proíbe a violência contra a mulher.

O episódio com a mulher apanhada em adultério, narrado em João 8.1-11, coloca o cristianismo como uma religião que proíbe a violência contra a mulher. A proibição dessa violência passa a ser um dos princípios fundamentais da fé cristã e orienta a missão de toda a Igreja.

A violência desconsidera a imagem de Deus na mulher agredida, fere sua dignidade e atenta contra a sua vida. A violência contra a mulher não é consentida por Deus. Por isso a IECLB a nomeia como pecado que precisa ser superado.

A violência contra a mulher é também uma violação dos Direitos Humanos e, como tal, se configura um crime perante a lei.

O artigo 5º da **Lei 11.340, de 2006 - Lei Maria da Penha**, define a violência doméstica e familiar contra a mulher como: “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. É importante comparar essa definição da violência com a proibição que consta no Evangelho de João 8.1-11.

Além de ação, a omissão diante da violência também é responsabilizada pela lei: fazer de conta que não viu, omitir-se ou ser conivente com uma agressão aos direitos da mulher são maneiras de praticar violência.<sup>1</sup>

Ao promover a paz, a justiça e o amor na sociedade, a IECLB participa do testemunho do Evangelho no país e no mundo. Isso significa tomar para si a consciência de um projeto de missão sintonizado com a luta por relações baseadas no amor e não na violência. Portanto não há possibilidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB silenciar diante da violência. Isso seria agir contra o Evangelho.

O Evangelho de Jesus Cristo só autoriza a prática do amor, e as relações violentas estão proibidas. Por essa razão a IECLB toma para si a consciência de um projeto de missão sintonizado com a luta por relações baseadas no amor e não na violência.



## COMO SE PERCEBE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES EM NOSSO MEIO?

Reconhecemos as mulheres que sofrem violência física, moral, psicológica, patrimonial ou sexual em suas casas, em nossas comunidades?

Sabemos reconhecer os sinais desse sofrimento que a violência doméstica cotidiana causa nas mulheres? Levamos a sério suas queixas tímidas ou os sinais do corpo? Nos interessamos por suas queixas? Ou as ignoramos? Como reconhecer? O que fazer? Como intervir?



Perceber a violência contra a mulher é fácil. Difícil é levá-la a sério e agir. Porque estamos rodeadas e rodeados de suas manifestações e de mulheres que a sofrem.

Quando não a temos dentro de casa ou quando não somos nós mesmas que a sofremos, são as nossas amigas, mães, avós, vizinhas, colegas de trabalho. Suas marcas geralmente estão ali, no rosto triste ou no corpo depressivo daquela mulher à nossa frente, e nas mulheres

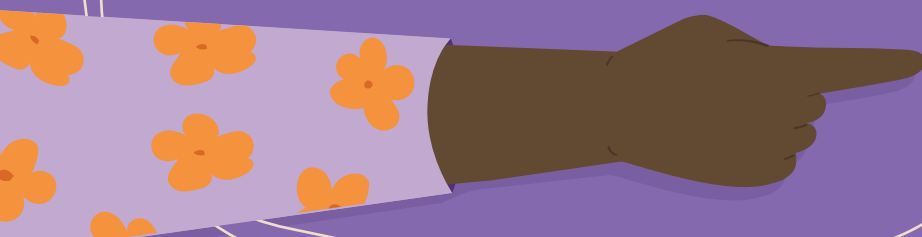
desconhecidas de quem soubemos pelos noticiários.

Uma mulher que sofre violência é uma mulher ferida jogada à beira da estrada (ou da vida). Ela precisa ser socorrida, do mesmo modo como o homem caído ferido à beira da estrada – socorrido pelo bom samaritano (Lucas 10).

Sabemos identificar os tipos de violência que as mulheres das nossas comunidades sofrem?

A lei Maria da Penha indica cinco principais TIPOS DE VIOLÊNCIA SOFRIDOS PELAS MULHERES.

São elas:



**Violência física:** atitudes que ofendam a integridade ou a saúde do corpo, como: bater ou espancar, empurrar, atirar objetos na direção da mulher, sacudir, chutar, apertar, queimar, cortar ou ferir.

**Violência psicológica:** atitudes que causam danos emocionais e diminuição da autoestima, que visam a degradar ou controlar os comportamentos, crenças e decisões da mulher; ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir, ou qualquer outro meio que cause prejuízo à saúde psicológica e à autonomia.

**Violência sexual:** atitudes que forcem a mulher a fazer, manter ou presenciar ato sexual sem que ela queira, por meio de força, ameaça ou constrangimento físico ou moral.

**Violência patrimonial:** atitudes que envolvem a retirada de dinheiro conquistado pela mulher com seu próprio trabalho, assim como destruir qualquer patrimônio, bem pessoal ou instrumento profissional.

**Violência moral:** atitudes que desonram a mulher diante da sociedade com mentiras ou ofensas. Por exemplo: xingar diante dos amigos, acusar de algo que não fez e falar coisas que não são verdades sobre ela para os outros.

## Atenção às situações como esta:

*“A Maria sumiu. Ela não participa mais das atividades da Igreja, não sai mais de casa para ir na vizinha, não tem mais amigas, pouco visita a mãe... eis um grande sinal de que aquela mulher está sofrendo violência psicológica e talvez física também. Em casa, ela escuta críticas constantes sobre a família de origem, sobre suas amigas, vizinhas, colegas, e não raro vai limitando e sendo proibida de ter contato e vida social. Às vezes, sobra apenas a Igreja, ou nem isso.”*

No Brasil, **A CADA 4 MINUTOS**  
UMA MULHER É AGREDIDA em casa.

**70%** dos crimes contra a mulher acontecem dentro de casa e as lesões corporais são resultado de **CHUTES, TAPAS, SOCOS, ESPANCAMENTOS, ESTRANGULAMENTOS E QUEIMADURAS.**

**43%** das mulheres em situação de violência sofrem agressões diariamente;

para **35%** a agressão é semanal.

(Centro de Atendimento à Mulher)

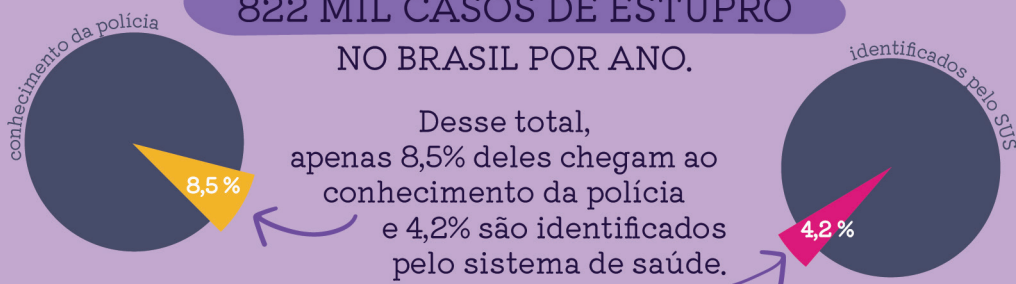




Boa parte da violência começa e continua quando o parceiro controla a mulher em tudo o que ela faz. A violência é uma forma de limitar a vida da mulher e mantê-la refém. O controle vem acompanhado de críticas constantes a ela, suas atitudes, seu corpo, seu trabalho, seu jeito...

E, por outro lado, a violência se expressa na exploração do tempo e do trabalho da mulher em casa: ela precisa fazer tudo. É uma forma de abuso, humilhação, mantendo-a ocupada fazendo coisas pelas outras pessoas.

## Pesquisas de 2023 estimam que ocorram 822 MIL CASOS DE ESTUPRO NO BRASIL POR ANO.



São QUASE DOIS CASOS POR MINUTO!

• Mais de 80% DAS VÍTIMAS SÃO MULHERES.

• Em relação aos agressores, em termos de gênero, a maioria é composta por homens, com destaque para quatro grupos principais: parceiros e ex-parceiros, familiares (sem incluir as relações entre parceiros), pessoas amigas/conhecidas e desconhecidas.\*



\*<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pbestuprofinal.pdf>

A violência vai minando a saúde da mulher, sua autoestima, seu ânimo, sua vida social, sua criatividade, seu potencial no mundo do trabalho. É alto o índice de mulheres que faltam ao trabalho em consequência de violência sofrida.

## COMO ESSA REALIDADE DESAFIA A IGREJA?

A violência doméstica no Brasil é a principal causa de morte das mulheres. A violência doméstica existe, e a Igreja é um lugar para quebrar o silêncio e um lugar para agir diante dessa realidade.

A tese de doutorado *Violência Doméstica contra Mulheres e Ações de Enfrentamento de Igrejas: um estudo de caso*, de Danieli Busanello Krob, realizada com ministros e ministras de um sínodo da IECLB, revelou que:

Há falta de preparo de ministros e ministras para lidar com situações em que a violência contra a mulher se faz presente. Sem saber como orientar e como agir diante de tais casos, o silêncio e a negação tornam-se a opção mais confortável. Nesse sentido, a teologia praticada gera invisibilização.



Onde há silêncio, as mulheres não se sentem seguras o suficiente para procurar apoio na comunidade. Elas não procuram o ministro ou a ministra para falar das suas dores e violências sofridas.

Onde não se fala sobre violência contra a mulher, mulheres, em sua maioria, também silenciam sobre a violência que sofrem.

Igreja que silencia diante da violência contra a mulher contribui para a manutenção da situação.

A igreja, às vezes, é o único lugar que a mulher pode frequentar.

Como Igreja comprometida com vida digna, o tema é um convite para a transformação. (declaração da pastora Carmen Michel, Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias, na Secretaria da Ação Comunitária/IECLB)

É necessário que cada liderança da Igreja pense sobre o seu papel e sua atuação no sistema de colaboração com a violência, por meio do silêncio, do desinteresse, do desca-so... que leva a mortes, humilhações e dores físicas e emocionais para a mulher, seus filhos e suas filhas, de geração em geração.

Nesse contexto, a constituição de grupos de apoio às mulheres em situação de violência nas comunidades de fé é uma ação diaconal que contribui para a transformação dessa realidade.

## O QUE A IECLB TEM FEITO PARA ENFRENTAR ESSA REALIDADE?

A IECLB é uma Igreja comprometida com a superação da violência contra a mulher. Esse compromisso é fundamentado no testemunho bíblico que afirma a dignidade das mulheres como filhas de Deus, criadas, juntamente com os homens, à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1.27) e acolhidas por Deus no Batismo (Gálatas 3.26).

Com esse objetivo, a IECLB vem assumindo voz profética diante da violência doméstica e familiar contra as mulheres, fortalecendo parcerias com movimentos ecumênicos, igrejas e instituições parceiras, na produção de materiais, campanhas e formação de lideranças, tais como:

Participação na Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher (1988-1998), promulgada pelo Conselho

Mundial de Igrejas e acolhida pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil.

Publicação do documento As Igrejas dizem não à violência contra a mulher, da Federação Luterana Mundial (FLM); Caderno Encontros e Conversas - por uma cultura de paz e superação da violência doméstica, do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana; Gibi Valentina, da Associação dos Grupos da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE).

Apoio e articulação da exposição Nem Tão Doce Lar, coordenada pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

Inclusão do tema Violência Doméstica e Institucional na META 4 do Plano de Ação Missionária da IECLB 2019-2024 e na sua Política de Justiça de Gênero, aprovada no Concílio de 2022.

Apoio a projetos de formação e empoderamento de

mulheres, projetos de sensibilização para a superação e prevenção da violência doméstica e da violência contra a mulher.

**Campanha Por um Lar sem Violências:** ativa desde 2020, a campanha reafirma que a violência contra as mulheres é um pecado, e que é missão da Igreja não deixar as mulheres sós quando mais precisam de cuidado, acolhimento, amparo, apoio e de informações necessárias para a busca de ajuda na rede de proteção social do município em que vivem. São materiais da campanha cards para as redes sociais e spots para programas de rádio.

Acesse os materiais da campanha no link:  
<https://bit.ly/campanhaporumlarsemviolencias>

**MULHER!**  
BUSQUE APOIO! PEÇA AJUDA!

Se você convive com quem te humilha, ameaça e agride, ouça as palavras de Jesus que diz:

**A TUA FÉ TE SALVOU. LEVANTA-TE”**  
MC 5.34.41

CAMPANHA  
**POR UM LAR SEM VIOLÊNCIAS**  
Coordenação de Cultura, Arte e Fé

IBCA

Emergência: LIGUE 190  
Central de atendimento à mulher em situação de emergência:  
LIGUE 180

Através desses recursos, a comunidade é convidada a participar da campanha, divulgando os conteúdos, orando e zelando pela vida das mulheres e suas famílias em situação de violência. Além disso, foram desenvolvidas palestras, meditações, lives, vídeos, assessorias em celebrações e eventos organizados por ou em parceria com a OASE, Fórum da Mulher Luterana, Juventude Evangélica Luterana, comunidades, paróquias, sínodos, instituições diaconais, instituições de ensino e pesquisa, organizações ecumênicas e pela Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB.

**Curso de extensão - Missão com mulheres em situação de violência: criando e multiplicando grupos de apoio nas comunidades da IECLB:** Em 2022, a IECLB ampliou a campanha Por um Lar sem Violências com a oferta do curso de extensão Missão com mulheres em situação de violência: criando e multiplicando grupos de apoio nas comunidades da IECLB.

O curso possibilita a capacitação de pessoas das comunidades para que sejam sensíveis e estejam preparadas para identificar situações de violência doméstica, acompanhar pastoralmente as mulheres que sofrem violência e seus familiares, informar e orientar a comunidade sobre direitos e serviços públicos de atendimento à mulher.

Por meio dessas ações, incluindo a publicação deste caderno de subsídios, busca-se ajudar a comunidade a desenvolver sensibilidade e reconhecer que essa realidade, que faz parte das famílias luteranas, precisa ser transformada. É importante criar abertura para discutir sobre o tema e ajudar a comunidade a assumir compromisso e postura de intolerância ao assédio sexual e à violência contra a mulher.

Além de capacitar pessoas para atuar no trabalho de prevenção e superação da violência doméstica, as desafiamos a criar um grupo de apoio para as mulheres que sofrem violência em suas respectivas comunidades.

*Texto de Carmen Michel, Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias/Secretaria da Ação Comunitária da IECLB. Para mais informações sobre este título O que a IECLB tem feito para enfrentar essa realidade? contate a Secretaria Geral através do e-mail: [secretariageral@ieclb.org.br](mailto:secretariageral@ieclb.org.br)*

## POR QUE A IGREJA DEVE PARTICIPAR DESSE TRABALHO SOCIAL?

A Igreja oferece um campo de relações para uma pessoa – desde o batismo. No batismo ou como membro de uma comunidade, uma pessoa é inserida na comunhão e recebe, ou deveria receber, proteção, apoio, o “amor do próximo” para a sua vida.



A Igreja faz parte da rede de relações sociais de uma pessoa. E como rede espiritual, se compromete com o cuidado mútuo.

Não raro, a Igreja compõe a rede primária de uma pessoa (família, amizade, vizinhança), onde é acolhida e inserida desde o batismo. E mais que uma rede social, os vínculos formam uma rede emocional, afetiva e espiritual – fundamental para a existência humana. O trabalho da Igreja precisa ser forte, atento e ativo para que essas redes sejam sadias.

Quanto mais fragilizadas são as redes afetivas dentro de casa, na vizinhança, de amizades, no trabalho, mais importante é o papel da Igreja na atuação junto a uma mulher que sofre violência.



A rede da Igreja pode ser fundamental para que uma mulher refaça a sua autoestima, seu amor-próprio, a força pessoal. E nesse sentido, a força que vem pelo apoio espiritual, da vida de fé, é um recurso que traz muita sustentação no caminho de superação da violência. Se a Igreja cria um espaço de acolhimento, ela atuará como um contraponto à destruição de outras redes e da força interna de uma mulher.



Se uma mulher não pode contar com ninguém, se todas as suas redes foram destruídas, inclusive a interna, ela poderá contar com a Igreja.

É muito importante que se pergunte para uma mulher que vive uma situação de violência com quem ela pode contar. Oferecer apoio, como Igreja, e incentivá-la e ajudá-la a refazer suas redes de amizade, é fundamental.

Uma mulher agredida precisa perceber que ela pode contar com a Igreja a qualquer momento. O acolhimento e a escuta são decisivos. A acolhida e escuta são fundamentais.





## POR QUE TER UM GRUPO DE APOIO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA NA SUA COMUNIDADE OU PARÓQUIA?

O grupo de apoio para as mulheres que sofrem violência nas comunidades da IECLB é importante:

- ➔ Para trabalhar com referências que possibilitem o desenvolvimento de relações mais saudáveis, novos modos de pensar e gerir a vida cotidiana.
- ➔ Para ajudar as mulheres que sofrem violência a quebrar o silêncio, sair do isolamento e entender que não estão sozinhas.
- ➔ Para somar forças, ouvir outras pessoas, compreender mais sobre a vida e as situações de violência que estão enfrentando.
- ➔ Para organizar o cuidado mútuo e amoroso de uns pelos outros, de umas pelas outras.



- Para sair do isolamento e entender que não estão sós, para somar forças, para ouvir outras pessoas.
- Para aprender a dizer não, a ter novos gestos! Para ter forças para estancar a violência doméstica.
- O grupo é um lugar para empoderar mulheres.
- Um grupo de apoio compõe uma rede intermediária, entre outras redes de apoio no enfrentamento da violência.



Nas igrejas, em todos os espaços religiosos, temos inúmeros grupos. Cada grupo é uma pequena comunidade, onde a mudança social pode começar a acontecer.



O início da mudança social sobre a violência doméstica pode começar em um grupo de comunidade, numa igreja.



Compartilhar sentimentos, dificuldades e experiências num grupo que se propõe respeito e compreensão mútua também faz nascer autocompreensão, respeito próprio, e motiva a vivência comunitária.

O cuidado mútuo em grupos é a busca de compromisso mútuo pelas causas do sofrimento, e comunhão na busca da cura, de transformação de estruturas, modelos e paradigmas.<sup>5</sup>

## O QUE FAZ UM GRUPO DE APOIO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS COMUNIDADES LUTERANAS?

Um grupo de apoio é um grupo preparado para agir na comunidade em favor de mulheres que sofrem violência no âmbito doméstico.

- O grupo de apoio identifica, acolhe, recebe, cuida, escuta, consola e fortalece mulheres.
- O grupo de apoio aprende, acompanha e encaminha mulheres para o serviço público de saúde para que tenham acompanhamento adequado de psicologia e de assistência social.

- O grupo de apoio faz o papel de rede de apoio e cuidado de prevenção à violência e de ajuda na denúncia.
- O grupo de apoio faz um mapeamento dos trabalhos de atendimento à mulher existentes em outras igrejas, organizações sociais e rede pública da sua região – Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS<sup>6</sup>), Delegacia da Mulher, casas de acolhimento...).
- O grupo de apoio busca compreender como a Igreja pode contribuir com as redes já existentes na área da saúde pública de proteção à mulher, como essas estão articuladas, quais as dificuldades e os desafios.
- O grupo de apoio articula o tema na comunidade: mantém a comunidade informada, sensibilizada e em condições concretas de ajudar pessoas e grupos a identificar situações de violência.
- O grupo de apoio planeja ações estratégicas de prevenção e superação da violência contra mulheres; é referência na comunidade/paróquia para orientar e encaminhar as situações; mantém diálogo com os serviços de atendimento à mulher na região (organizações civis, religiosas, governamentais).
- O grupo de apoio pode criar espaços seguros, onde as mulheres da comunidade possam se encontrar para conversar, para falar da sua realidade, do seu cotidiano e de experiências com a violência.
- O grupo de apoio desempenha importante papel de vigilância teológica, no sentido de conduzir reflexões críticas sobre certos padrões que são reproduzidos culturalmente e repetidos em contextos religiosos, sob o argumento de que Deus quer as coisas deste modo.



Muitas mulheres têm queixas difusas ou adoecimentos constantes ou contínuos, com dores pelo corpo, desânimo, depressão, por trás dos quais se esconde violência psicológica ou física. Portanto o grupo de apoio precisa estar bem preparado.

## O grupo de apoio cria uma metodologia de acolhida amorosa para as mulheres

A primeira acolhida e escuta são fundamentais. Uma mulher agredida precisa perceber que ela pode contar com o grupo a qualquer momento. Afinal, ela introjetou a falta de segurança e confiança, e, por isso, nem sempre as mulheres dizem logo o que está acontecendo, mas manifestam outras queixas.

O grupo de apoio para mulheres que vivem situações de violência tem o papel de ajudar as mulheres a identificar a violência que sofrem. Pois muitas vezes, ou na maioria das vezes, elas pensam e acreditam ou aprenderam a acreditar que é assim – que o problema são elas, que as relações são assim, que elas não são capazes, que são incompetentes para cuidar da casa, das crianças, de si, dos homens. A autoestima delas já acabou, elas já perderam e não percebem mais as suas qualidades pessoais, a capacidade de reagir diante da situação e a capacidade de reconhecer que vivem uma relação violenta. Elas precisam de ajuda para recuperar a fé, a força, o amor-próprio como parte do processo de lutar para ter uma vida mais digna, com mais alegria.

**Com o tempo e a maturidade, o grupo de apoio pode desenvolver e divulgar outras atividades no seu local - comunidade, paróquia, sínodo, como:**

- ♥ Incentivar e promover a realização de estudos bíblicos, pregações, meditações, palestras, exposições sobre o tema da violência contra as mulheres, crianças e pessoas idosas, em diferentes grupos comunitários.
- ♥ Divulgar os diferentes trabalhos e canais de apoio disponibilizados pela rede de proteção à mulher na comunidade e no município.
- ♥ Informar a comunidade sobre as redes de proteção existentes no serviço público.
- ♥ Contribuir para que as comunidades sejam espaços seguros, onde as mulheres em situação de violência podem encontrar refúgio, apoio, acompanhamento espiritual e psicoterapêutico (e cura).
- ♥ Desenvolver e apoiar campanhas e exposições de prevenção à violência contra as mulheres (Campanha Por um Lar sem Violências; Quintas-feiras de Preto; Eles por Elas; Laço Branco; 21 Dias de Ativismo pelo fim da Violência contra as Mulheres; Nem tão Doce Lar).
- ♥ Apresentar relatos do trabalho realizado durante o ano nas reuniões da comunidade e da paróquia.



## QUAIS OS PASSOS PARA INICIAR UM GRUPO DE APOIO NA COMUNIDADE?

Para constituir um grupo de apoio na comunidade é necessário:



Identificar pessoas que tenham interesses afins e convidá-las para constituir um grupo de apoio. É fundamental que uma ou duas pessoas tenham interesse especial no assunto da superação da violência contra as mulheres, para orientar a temática no grupo.



Conversar muito e escutar bem umas às outras. As pessoas interessadas em constituir o grupo de apoio precisam marcar um encontro e conversar livremente. Cada pessoa deve contar sobre a sua história e relação com o tema e sobre a motivação para participar de um trabalho como este e a responsabilidade que ele requer.



Estudar e aprender, verificar dados e informações sobre a realidade da violência doméstica no país, no seu estado, município e na comunidade. Em algum momento, convidar alguma pessoa profissional da região – psicóloga, assistente social, advogada (OAB), representante da defensoria pública, delegada ou outra profissional que trabalhe com o tema, para assessorar ou ajudar o grupo nesse processo.





Verificar e conhecer as redes primária, secundária e terciária no campo da saúde pública de sua cidade ou região e que fazem atendimentos especializados. Entender como funcionam essas redes de apoio especializadas que já existem (CRAS, CREAS, Delegacias de polícia, Delegacias da Mulher). Visitar as redes e conhecer as pessoas que nelas trabalham, entrar em contato com a Secretaria da Saúde. Buscar orientação, marcar reuniões para verificar como funcionam os processos de encaminhamento de mulheres e traçar um plano de possível parceria no trabalho de enfrentamento da violência.



Realizar o curso de extensão promovido pela IECLB – Missão com Mulheres em Situação de Violência; criando e multiplicando grupos de apoio nas comunidades da IECLB.



Conhecer o que diz a Lei 11.340, de 2006 – Lei Maria da Penha.



Na sequência desse preparo, o grupo de apoio pode se apresentar em outros grupos e espaços da comunidade para divulgar e falar sobre o tema, fazer ações em datas especiais e se colocar à disposição de pessoas da comunidade para casos de violência doméstica. É preciso ressaltar que a violência doméstica atinge, além de mulheres, pessoas idosas, crianças, jovens, pessoas LGBTQIA+ e homens.

## É IMPORTANTE LEMBRAR QUE:

\* **É preciso ter acordos e regras claras de sigilo** com o que é dito. Para isso, se faz um acordo no grupo e cada nova pessoa que entra no grupo precisa ser colocada a par desse acordo. Se alguma pessoa no grupo de apoio não segue as regras de sigilo, será necessário conversar novamente, de forma muito aberta, sobre as regras.

\* **É preciso ficar claro que se respeitam as falas delas**, que se respeita as pessoas e as histórias das pessoas, suas experiências. As palavras das mulheres que sofrem violência precisam ser ouvidas profundamente e acolhidas, mesmo que pareça estranho para quem acolhe, mas aquele relato é a verdade daquela mulher e é sua vida.

\* **É necessário agir em todos os casos de violência** que são identificados, ou seja, devem ser encaminhados para órgãos competentes, como, por exemplo, o Conselho Tutelar ou da Pessoa Idosa, procurar o CREAS, buscar informações em postos de saúde, Secretaria da Saúde do município para compreender os processos de encaminhamento de casos. O grupo de apoio não pode ficar passivo diante de nenhuma violência, sempre precisa encaminhar o caso, mesmo quando há apenas suspeita.

## QUEM PODE PARTICIPAR E QUAL É A DINÂMICA DO GRUPO DE APOIO?



O grupo de apoio deve ser formado por pessoas que têm maturidade, e para tal cada pessoa precisa ter trabalhado bem a própria história com a violência sofrida. Caso contrário, isso aparecerá de forma inconsciente, e pode ser com palavras e gestos agressivos, ou com revolta, contra as mulheres que sofrem violência na comunidade.

É importante que o grupo de apoio tenha uma diversidade de pessoas participantes: é aconselhável que estejam no grupo mulheres que representam a diversidade social, por exemplo: mulheres jovens, adultas, idosas, casadas,

divorciadas, solteiras, bem como mulheres de diferentes raças, classes e sexualidades. Cada qual delas terá mais capacidade de ver a realidade e reconhecer mulheres em situação de violência e como essa violência é sentida e vivida.

### **Uma mulher que já sofreu violência pode participar do grupo de apoio?**

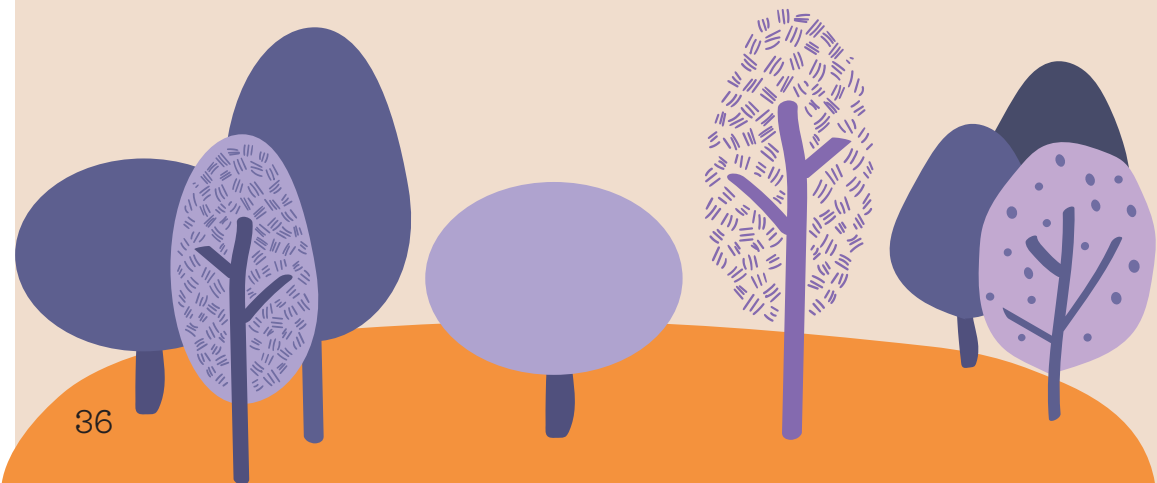
Com certeza. Mas é importante que tenha superado bem e que tenha trabalhado bem a sua própria história ou que ainda esteja nesse processo. O grupo de apoio precisa ter “apoio” e se “apoiar” mutuamente.

É importante que o grupo de apoio não seja apenas um espaço formal para falar da violência que outras mulheres sofreram. O grupo precisa reservar espaço e tempo para que cada integrante fale da sua trajetória com a violência. Esses relatos devem ser respeitados e acolhidos sempre que necessário.

**As pessoas do grupo de apoio não podem fazer de conta que nunca sofreram violência ou que estão livres dela em seu cotidiano.**

É fundamental que as pessoas que participam desse grupo tenham falado bastante de suas próprias experiências no grupo de apoio. Nunca negar, silenciar, ocultar as violências sofridas, de modo que não seja artificial a sua razão de estar no grupo, ou que não sejam conscientes suas experiências com a violência.

Para participar do grupo de apoio é necessário que as pessoas tenham um lastro de preparo pessoal e que façam formação relativa à temática antes de iniciar a sua atuação prática. Isso significa iniciar um grupo de apoio com preparação prévia por um tempo determinado, conforme a necessidade específica daquele local e daquelas lideranças. Uma pessoa que inicia no grupo de apoio posteriormente, nova no grupo, pode acompanhar o mesmo por um tempo até compreender e aprender o processo de trabalho do grupo. E então iniciar a sua atuação.



- O grupo de apoio precisa ser composto por pessoas que tenham bom equilíbrio psíquico e espiritual e que tenham enfrentado e trabalhado suas próprias questões relacionadas à violência de gênero em sua história pessoal.
- O grupo de apoio precisa ter visão e preparo para atuação rápida. **Nesse campo atuamos para salvar vidas também** – como é no caso de intervenções com mulheres ameaçadas de morte pelos companheiros, ou mulheres em situação de violência gravíssima, na qual a vítima está ou não ciente que corre risco de vida.
- Da mesma forma, o grupo de apoio atua para prevenir que a violência se torne mais grave.
- Atua para conscientizar mulheres, homens – crianças, jovens, adultos – sobre a violência, com campanhas de divulgação e estudos sobre o tema.

## COMO PREPARAR PESSOAS PARA ATUAREM NO GRUPO DE APOIO?

Um grupo precisa de uma boa condução, de forma que o que é dito e ouvido, o que é exposto e compartilhado seja bem encaminhado, bem cuidado. A pessoa ou as **pessoas que coordenam** ou dirigem o grupo de apoio precisam ter clareza do seu **papel**, porque são/serão referência para a comunidade.

**Quando um grupo de apoio acompanha mulheres que sofrem violência**, ou quando trabalha com mulheres que possivelmente tenham sofrido violências, é importante levar em conta que nesse tipo de grupo **é preciso ter espaço de partilha**, estratégias para trabalhar em pequenos grupos, de forma

que elas se sintam enco-  
rajadas a falar e encontrar  
saídas juntas.

**Nesses trabalhos nos tor-  
namos terapeutas umas  
das outras.**

Cada pessoa ali está em um momento da vida. Uma mulher talvez está em um sofrimento profundo pela primeira vez, a outra já enfrentou e superou muitas coisas e está ali, cada uma conta algo e cada mulher vai aprendendo de cada uma.

*A outra “já passou por coisas piores e achou uma saída, e isso me dá esperança de que eu também vou conseguir”. “Eu sempre achei que era só comigo, mas agora, no grupo, vejo que muitas mulheres passam pela mesma coisa”. Poxa, e a outra “está repetindo tudo, eu não quero isso para mim”.*

É fundamental prestar atenção para que aquele espaço não seja destrutivo, mas acolhedor. Pois, não raro, **dentro dos grupos se repetem preconceitos da sociedade.** Muitas mulhe-

res repetem os chavões machistas que aprenderam na sociedade.



Sempre é preciso, amorosamente, ensinar como dizer melhor, como fazer de outra maneira, mostrando que certos gestos, atos e palavras vêm de um modelo de violência contra as mulheres.

A IECLB preparou e **ofereceu um curso** de formação de lideranças para atuar como grupo de apoio – **o curso Missão com mulheres em situação de violência**, com aulas presenciais e on-line, com duração de 44 horas. As pessoas, ao final do curso, estarão habilitadas para criar grupos de apoio para atuar em seus locais, e em seus sínodos poderão divulgar o trabalho e criar mais grupos de apoio.

Ou seja, o preparo, ou a formação de pessoas, para o grupo de apoio é um processo. Esse processo pode ser planejado: organizar a frequência de encontros para estudo e preparação do grupo de apoio, e passos seguintes importantes no processo, como consta neste material.

Além disso, é muito importante que o grupo de apoio seja um grupo estudioso, que pesquisa, lê, que está sempre atento ao que os noticiários mostram sobre a realidade da violência. Por exemplo, algumas coisas importantes a serem observadas desde o início é o fato de o próprio “grupo de apoio” ser um “grupo”. E há muitos estudos sobre o funcionamento de grupos, que ensinam sobre compreensão de papéis nos grupos, conflitos e lideranças. Mesmo o grupo de apoio, por menor que seja, pode repetir certos padrões previstos.

## A IGREJA PODE SER UMA REFERÊNCIA NO ACOLHIMENTO E ACOMPANHAMENTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA?

**Sim. A Igreja** pode ser referência de lugar seguro para as mulheres em situação de violência. É o mandamento do amor que nos exige esse trabalho de cuidado: “Eu vim para que tenham vida...”, não morte (João 10.10).

**Uma Igreja que acompanha** não ignora a mulher que sofre violências; antes, a orienta sobre os seus direitos, encaminha aos serviços públicos, visita, ora por e com ela e sua família.

**Uma Igreja acolhedora** recebe e escuta a mulher atentamente, sem julgá-la, buscando compreender a situação para melhor ajudar.

**Uma Igreja corajosa** reconhece a violência como um problema social que afeta significativamente as mulheres de suas comunidades, afeta a sua dignidade, sua vida espiritual, sua vida familiar, o casamento, a educação das crianças e todo o seu entorno.

**Uma Igreja que é referência** no enfrentamento à violência contra as mulheres envolve os homens nesse processo. É Igreja que cria oportunidades para os homens refletirem, por exemplo, sobre os impactos que as suas atitudes têm sobre a educação das suas crianças e de seus relacionamentos.

**Uma Igreja engajada** na missão de restauração dos vínculos familiares, de casamento e de relações humanas em geral é uma Igreja atualizada com o Evangelho. Aprender a conviver de modo sadio, respeitoso, em relações não violentas é o objetivo da missão de Jesus Cristo e é a boa nova do Evangelho.



**A Igreja não está fora da sociedade.** Por isso tem os mesmos problemas da sociedade. E as mulheres que sofrem violência estão na Igreja também. A palavra de Deus deve chegar para elas, e com essa palavra, a libertação da violência como sinal concreto da atuação do Espírito Santo de Deus. Deus mostrou, por meio de Jesus Cristo, que está do lado das mulheres que sofrem toda forma de exclusão, preconceito e violência. Os frutos da nossa fé se mostram no nosso discipulado, quando em nosso caminho, nos espaços da comunidade, encontramos e identificamos mulheres em sofrimento, como fez Jesus Cristo, e paramos para olhar para elas e ouvi-las, perguntando o que lhes acontece. Não há como professar a fé cristã e fechar os ouvidos, os olhos e a boca diante da violência sofrida por mulheres. O Evangelho não nos dá sossego, não nos permite mais o silêncio, a negação, a convivência.

**O tema da violência pode ser abordado** na Igreja de inúmeras formas, em especial por meio de **textos bíblicos** que falem de modelos de masculinidade e de feminilidade estereotipados, modelos e conceitos de família variados. Na Bíblia, há relatos de violência sexual (como o estupro de Tamar – 2 Samuel 13, de Diná – Gênesis 34, o feminicídio da concubina – Juízes 19, a tentativa de feminicídio da mulher adúltera – João 8.1-10). É preciso que na Igreja se volte a falar da vida cotidiana, da vida real, das notícias, e que lideranças sejam hábeis em coordenar bons diálogos, conversas saudáveis, discussões respeitadas sobre os mais diversos temas da vida ordinária.

É importante que o tema da violência seja abordado nos **grupos de casais, de jovens, de homens, de estudos bíblicos**, no **culto infantil**, no **ensino confirmatório**, enfim, em todos os espaços. A fala sobre o tema fará com que a realidade venha à tona. Será nesses momentos que crianças, jovens, adultos e idosos se manifestarão sobre a vida cotidiana, seus conflitos e problemas.

O **trabalho com homens** é fundamental e está previsto na Lei Maria da Penha. A Igreja também deve se encorajar para o trabalho com homens, para educar homens e dialogar sobre os temas diversos da vida deles no âmbito doméstico. Todo o ministério de Jesus foi de enfrentamento de conflitos. Para que o Reino de Deus chegue, a boa nova precisa ser anunciada, e esse anúncio somente virá se efetivamente enfrentarmos as dificuldades.



## INFORMAÇÕES ÚTEIS:

- **Central de Atendimento à mulher:** o **Ligue 180** é um serviço de utilidade pública essencial para o enfrentamento à violência contra a mulher. Além de receber denúncias de violações contra as mulheres, a central encaminha o conteúdo dos relatos aos órgãos competentes e monitora o andamento dos processos.

# LIGUE



- O serviço também tem a atribuição de orientar mulheres em situação de violência, direcionando-as para os serviços especializados da rede de atendimento. No Ligue 180, ainda é possível se informar sobre os direitos da mulher, a legislação vigente sobre o tema e a rede de atendimento e acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade.

- O Ligue 180 funciona diariamente durante 24h, incluindo sábados, domingos e feriados.

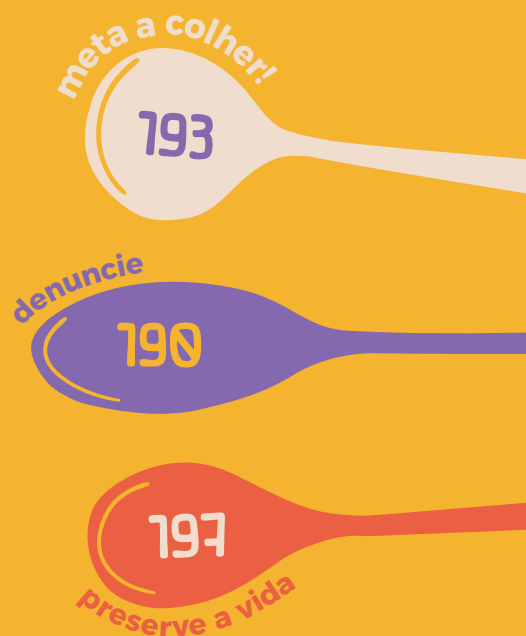
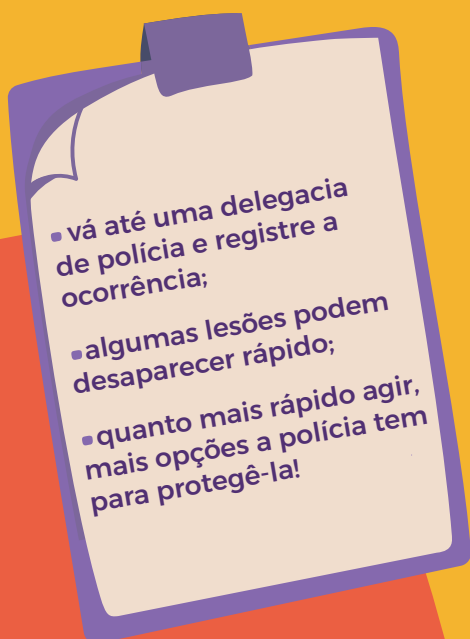


- A máxima “*Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher*” é coisa do passado. Qualquer pessoa pode fazer uma denúncia pelo serviço que tem o objetivo de auxiliar mulheres em situação de violência em todo o país. A denúncia de pessoas conhecidas e vizinhas, por exemplo, pode fazer toda a diferença entre uma agressão e um feminicídio. A denúncia, mesmo que anônima, pode salvar vidas.

**Chame a polícia** ou procure qualquer socorro possível. **Ligue 193, 190, 197** – e denuncie de imediato a agressão. Se o agressor for capturado, será preso em flagrante, nos moldes da Lei Maria da Penha.

Colabore com a polícia: **dê detalhes do caso**, faça exame de corpo de delito se necessário.

Se possível, **tenha imagens** que comprovem o que aconteceu e/ou testemunhas.



Entre os órgãos que podem ser buscados pelas mulheres em situação de violência estão:

DELEGACIA DA MULHER



Centro de Referência de Atendimento à Mulher



JUIZADOS de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher



HOSPITAL



CREAS

Centro de Referência Especializado em Assistência Social



Ministério Público

Promotorias Especializadas Núcleos de Gênero



Polícia Civil



Patrulha Maria da Penha



Casa da Mulher Brasileira



Defensoria Pública



Núcleos Especializados no Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência



Centro de Referência de Assistência Social



CASAS ABRIGO



## SAIBA MAIS:

Campanha da IECLB **Por um Lar sem Violências:** [https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/missao-mulheres/campanha-por-um-lar-sem-violencias-cartoes-e-audios](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-mulheres/campanha-por-um-lar-sem-violencias-cartoes-e-audios)

Curso de extensão da IECLB em parceria com o PGR-EST: **Missão com mulheres em situação de violência: criando e multiplicando grupos de apoio nas comunidades da IECLB.**



51 3284-5400



secretariageral@ieclb.org.br

Curso de extensão do PGR-EST: **Acompanhamento psicoterapêutico e espiritual em situações de violência doméstica,** <https://bit.ly/cursoacompsico>

Publicação **Política de Justiça de Gênero da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB:** <https://www.luteranos.com.br/textos/politica-de-justica-de-genero-2>

**Política de Justiça de Gênero da Federação Luterana Mundial - FLM:** <https://bit.ly/politicageneroflm>

Publicação **Nem Tão Doce Lar: uma vida sem violência é um direito humano:** <https://bit.ly/nemtaodocelar>

Publicação **Valentina** – nome da jovem personagem apresentada no enredo familiar deste gibi que visa auxiliar na reflexão e superação da violência contra a mulher: <https://bit.ly/valentinaviolenciadomestica>

Publicação Encontros e conversas – **pela cultura da paz e superação da violência doméstica:** <https://bit.ly/conversaspelaculturadapaz>

Publicação **As Igrejas dizem "NÃO" à Violência contra a Mulher:** <https://bit.ly/igrejasnaoviencia>

Documentário **“O silêncio dos homens”**, reflete sobre educação de meninos e seus impactos na vida de homens adultos: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>

## ANEXO 1

### Jesus e a superação da violência contra as mulheres

*Dra. Anete Roese*

Podemos ver e reconhecer que Jesus, ao ensinar e testemunhar o amor, faz um enfrentamento e um combate à violência contra a mulher de forma contundente e constante durante o seu ministério. Os evangelhos nos apresentam as diversas situações de mudanças de valores com relação ao lugar e ao papel da mulher na sociedade. E é importante que façamos a leitura dos evangelhos nessa perspectiva – de como a boa nova do Evangelho é uma palavra de ruptura com velhos padrões de relações e estruturas violentas. O ministério de Jesus é um caminho incansável de constante desconstrução da ideia sobre a mulher que vigorava na cultura judaica e nas culturas circundantes. E, não apenas isso, o ministério de Jesus também é uma nova linguagem sobre o modo de ser homem. Quantas vezes os discípulos tiveram que mudar sua postura diante de uma mulher que vinha atrás de Jesus, e eles as achavam incômodas e queriam afastá-las, achando que suas demandas não eram importantes – ainda que clamassem por cura para sua filha, ou até mesmo o anúncio da ressurreição.

Vejamos, pois, que assim como a mulher cananeia (Mateus 15) buscou a cura para a sua filha, também Jairo (Marcos 5), como pai, estava desesperado atrás de Jesus para que viesse ver o que se passava com a sua filha, que estava morrendo.

Se a partir do texto de Jairo enfocarmos a paternidade e perguntarmos aos homens sobre sua experiência com a paternidade, teremos um debate que abre uma oportunidade única de os homens falarem do seu papel como pais. Se soubermos conduzir com empatia, os homens que participam dos grupos comunitários falarão de suas fraquezas, faltas, lições, falarão de amor e de histórias com seus próprios pais. Esses processos em grupos com homens são muito benéficos para trabalhar o afeto e a falta dele – são falas que rompem silêncios sobre o diálogo

com filhos e filhas, sobre o tempo que dedicam para estar com eles e elas.

A escuta de Jesus é inspiradora! É um método de escuta que vale a pena observar. Jesus tem uma escuta atenta a qualquer momento. Podemos observar que Jesus percebe as mulheres, ele não as ignora. Ele não ignora a samaritana lá no pé do poço, ainda que a lei o proibisse de falar com ela. Aí Jesus rompe o silêncio da fala e se interessa por essa mulher e conversa com ela. É esse interesse que devemos ter em relação às mulheres, devemos nos dirigir a elas e conversar para romper com padrões de silêncio e proibições.

Diante do desespero de Jairo, Jesus abandona a tarefa, ocupação, que exercia no momento e se dirige para a casa desse pai. Jesus pratica a escuta mesmo em meio da multidão, do alvoroço. Escuta, acolhe, compreende e encaminha situações de mulheres e de homens, crianças e jovens. Assim é com a mulher encurvada (Lucas 13) e a mulher hemorrágica (Marcos 5).

Jesus intervém, se posiciona claramente contra a violência prestes a acontecer com a mulher flagrada em adultério. Nesse contexto, Jesus confronta as pessoas que acusam e cria uma nova moral religiosa – autocrítica e responsável, uma nova forma de se posicionar diante do próximo e uma nova lei. Aquela lei antiga não serve mais, porque está pautada no uso da violência contra a mulher. A autoridade e a firmeza com que Jesus se posiciona deve inspirar as nossas ações na Igreja, quando se trata de pautar a violência contra a mulher e quando se trata de defender as mulheres e qualquer pessoa vítima de violência.

Jesus age mesmo diante do princípio do “falatório”, da “fofoca”, das maledicências e acusações que estavam sendo ensaiadas por vários homens quando uma mulher (“de má fama”) vem com um vaso de alabastro para ungir os pés de Jesus. A atitude de Jesus é imediata no sentido de interromper, coibir aquela prática de crítica sobre as atitudes daquela mulher.

A crítica contra a violência precisa ser feita sem medo e a partir do Evangelho de Jesus. O maior mandamento é o do amor, a prática do Evangelho de Jesus tem como caminho central o



amor. O mais completo ensinamento de Jesus no Evangelho – o sermão do monte – trata de uma longa explanação sobre como praticar a paz em diversas situações (Mateus 5–7).

O modelo de acolhida, escuta e encaminhamento de Jesus chama a Igreja para a responsabilidade. O encaminhamento que Jesus dá no caso da mulher flagrada em adultério é o de responsabilização social. Todas as pessoas ali são chamadas para agir em prol de uma sociedade menos falsa, menos hipócrita, menos moralista, porque essas atitudes estão na base da violência. E chama para a ação responsável – de não pecar – “quem aqui não tem pecado nenhum” e “vai e não peques mais”.

Como Igreja, a prática de uma escuta ativa precisa estar em pauta. Ou seja, não é possível, diante de fatos de violência, praticar uma escuta passiva, sem encaminhamento, ou uma postura passiva. A negligência diante de abusos e violências hoje não são mais justificáveis perante a lei. Precisamos de uma Igreja de Jesus Cristo que escuta, que acolhe, que trata e que encaminha as mulheres e qualquer pessoa em situação de violência para órgãos competentes que sabem dar melhor seguimento às consequências que a violência já causou na vida daquela pessoa e família. Aliás, é muito importante falar mais claramente sobre os impactos destrutivos da violência na vida das famílias. Uma Igreja que preza a vida em família deve atentar para a violência praticada nas famílias, e que boa parte dos modelos familiares está assentada sobre silêncios em torno de violências sexuais, físicas, morais, psicológicas e patrimoniais. Essa passividade histórica diante da realidade deve envergonhar uma Igreja e deve fazê-la agir.

E falando em passividade, em Jesus nos convertemos à ação diante da violência, e toda passividade está ultrapassada. Muito já se falou da passividade feminina por causa da aparente aceitação ou não reação diante da violência sofrida. A passividade não é uma característica feminina, mas um sintoma ou forma de ser que pode afetar tanto um homem quanto uma mulher, ou uma instituição. Mas o estudo dos muitos fatores que dificultam a reação das mulheres diante da violência nos ajudou a compreender os inúmeros fatores e causas que compõem a dificuldade de enfrentar a violência doméstica. Entre esses está

que as meninas aprendem desde cedo que devem ser queridas, obedientes, cuidadoras da casa, das crianças e dos maridos. Depois de adultas, quando algo nas relações não dá certo, a sociedade as culpa, e diante dessa culpa muitas mulheres se calam, fingem e silenciam que tudo vai bem.

A passividade masculina no mundo doméstico é muito clara. Muitos homens pouco participam do cuidado das crianças, de pessoas idosas, da limpeza da casa, da cozinha, mas agem de modo tão ativo na violência. Ainda rege uma antiga convenção de que um homem deve ter iniciativa como chefe da casa – talvez falando alto, mandando, se impondo de forma autoritária pela voz e pelo gesto que quer garantir um poder de domínio e obediência, mas muito pouco de colaboração no cuidado e nas atividades domésticas.

Ou seja, ajudar os homens a compreender que a casa é um mundo onde eles podem viver bem, participar de forma ativa, que podem amar o mundo doméstico ainda que esse lhes exija responsabilidade e participação dedicada e gratuita é uma tarefa.

Um dos maiores sofrimentos da humanidade no tempo atual é o sentimento de indiferença, vazio, tédio – sensação de falta de utilidade. Essas sensações têm como fundamento uma carência de responsabilidade, ou seja, de sentir-se participante, ativo, pelo mundo e no mundo. Ajudar o ser humano a novamente se tornar responsável – essa é uma tarefa árdua que temos pela frente. Recuperar o sentimento de responsabilidade, o compromisso pela sua vida, pela vida da pessoa próxima, seus filhos e suas filhas e de exercer o cuidado é fundamental para resgatar a dignidade e a razão de estar e de pertencer ao mundo. Ou seja, o resgate da humanidade do homem – de sua masculinidade – passa pelo resgate de seu senso de pertencimento ao mundo da casa, pelo resgate do seu respeito e zelo pelas relações com as mulheres, meninos e meninas, e também pelos outros homens – talvez aqueles diferentes dele mesmo. Eis um grande desafio para os homens e para os grupos de homens.

O **modelo do homem que cuida, que se responsabiliza** está no evangelho. Um belo exemplo é o **bom samaritano** (Lucas 10). Nesse texto há não apenas um, mas vários tipos e modelos de masculinidade e é uma boa referência para valorizar comportamentos masculinos alternativos àquele violento, ou àquele que passa ao longe (do serviço doméstico e do cuidado das crianças).

O **bom samaritano** (Lucas 10.25-37) é um texto para fazer pequenos grupos com cada perfil de masculinidade. Pode ter cinco pessoas no papel de cada homem do texto, por exemplo (sacerdotes, levitas, samaritanos, hospedeiros, assaltantes). Podem responder a seguinte questão: que perfil de homens representam estes e como se apresentam hoje na sociedade, e que outros tipos de homens – com que comportamentos e pensamentos identificamos hoje (como se portam, que discursos fazem...)? É interessante que Jesus destaca o homem que cuida do homem ferido como aquele que é um “homem próximo”, aquele cujo comportamento deve ser imitado. Que tipo de homem é “o próximo” na sociedade atual – para as mulheres e para outros homens? Essa pergunta pode ser respondida em diálogo no grande grupo.

O enfrentamento da violência doméstica também passa pelo **ensaio e o aprendizado de novos papéis no campo da masculinidade**. E a Igreja tem muito campo para esses testemunhos, nos grupos mais variados, entre eles o de jovens. Veja:

José, diante da gravidez de Maria, poderia ter optado pelo caminho de deixá-la sozinha, sem assumir a paternidade, como fazem muitos homens. Em José, no entanto, encontramos um interessante caminho de desconstrução de um modelo de masculinidade tóxica e a mudança, por meio de crise, sonho e desafio, de um padrão de masculinidade convencional – pautado no preconceito, violência moral e psicológica, para uma nova forma de ser homem. O modo como José faz a transição de um homem confrontado com uma noiva grávida, para compreender e assumir um projeto novo não deveria ser visto com tanta simplicidade.

Portanto o enfrentamento da passividade masculina é fundamental, como o **silêncio dos homens** (ver documentário<sup>8</sup>) sobre dores, sentimentos, problemas, relacionamentos. Ajudar os homens a falar já é um importante passo. Criar espaços de partilha e fala para os homens é importante para que possam crescer como pessoas, amadurecer, compreender a si mesmos, as mulheres, as construções sociais da masculinidade etc. É um processo educativo fundamental para uma nova sociedade com menos violência.

As melhores experiências de mudanças com a violência estão sendo feitas em grupos reflexivos de homens que pensam sobre si mesmos e as suas trajetórias com a violência, em espaços de revisão de valores, comportamentos e sentimentos. Disso se trata se queremos agir como Igreja para curar a sociedade da doença que é a violência. A violência é também um sofrimento para quem a pratica, e quem a pratica precisa de cura.

É sempre indicado trabalhar com movimento de corpos, porque os movimentos colocam em ação memórias, sentimentos, ideias; movimento também leva à ação para o futuro – possibilidade de andar diferente, pensar diferente, sentir diferente.

Cada texto sagrado é uma oportunidade de vincular uma história com outra história, o texto sagrado com a minha história ou a história de pessoas ao meu redor. O texto é um espelho para olhar e identificar relações com o mundo de hoje. O que este texto me lembra?

Cada pequeno grupo pode se ocupar com um tipo ou personagem homem da Bíblia. E, ao final, conversar sobre o tipo de homem, de modelo de masculinidade que cada qual representa (seja Adão – que coloca a culpa na mulher e em Deus, Moisés – e seu perfil violento com o egípcio, autoritário com a irmã), o papel dos discípulos diante das mulheres, o interessante papel de José do Egito – diante dos irmãos e como governante. Cabe a análise de sua responsabilidade, como se posicionam em cada situação.

## ANEXO 2

### **Fortalecer a autoestima das mulheres para vencer a submissão à violência**

*Dra. Anete Roese*

No Evangelho, o mandamento do amor tem três dimensões: o amor à pessoa próxima, o amor a Deus e o amor a si mesmo. Para as mulheres, no entanto, parece terem sido destinadas somente duas dimensões: o amor a Deus – porque em muitos lares são elas que precisam motivar maridos e crianças para que frequentem a Igreja, e em muitos lares apenas elas frequentam a Igreja e se apoiam no amor a Deus para suportar as várias jornadas de trabalho e a violência; e o amor às outras pessoas – dedicar-se às pessoas, trabalhar para outras pessoas. E para o amor a si mesmas – delas por elas mesmas, para lazer, cuidado de si mesmas, tempo para si mesmas? Para esse amor não sobra tempo, nem motivos muitas vezes.

O sofrimento, a doação, a entrega de si mesmas em favor das outras pessoas são afirmados como caminhos de amor e salvação para as mulheres, e imputam a importância de sacrificar-se em favor de outros seres humanos no contexto religioso, especialmente cristão. O discurso teológico do sacrifício e do sofrimento de Jesus na prática parece estar reservado a ser imitado pelas mulheres. Mulheres que assumem modelos de autossacrifício perdem-se de si mesmas, e depois de ignorar e silenciar longamente suas próprias necessidades e desejos, elas não os reconhecerão mais – não saberão mais dizer do que gostam, o que sonham, e repetirão que o que importa são as outras pessoas. Ivone Gebara<sup>9</sup> salienta que a “ideologia do sacrifício é geradora de medo”. Medo de não ser aceita no mundo, pelas outras pessoas, por Deus, medo de não corresponder. O risco desse “medo” é que ele “leva quase que inevitavelmente à alienação de si mesma”, e a mulher “perde-se a si mesma”.

Autonegação e autossacrifício muitas vezes levam à perda de um senso de eu e a perda de “voz”. A perda da voz, da autoridade

de, resulta da subjugação dos próprios desejos e necessidades. Quando esses não são valorizados, a mulher aprende a silenciar o eu. “O silenciamento do eu é o que mais contribui para a depressão em mulheres.”<sup>10</sup> Qualidades como perdão, doação, autossacrifício, enfatizadas como testemunho cristão, levaram as mulheres à aceitação passiva do abuso.

Nesse sentido, é fundamental fortalecer as mulheres em sua autoestima, devolvendo-lhes o amor esquecido, ignorado, o amor a si mesmas, o amor-próprio – do qual o evangelho também fala como um amor fundamental.

A autoestima da mulher começa a ser desenvolvida na infância. Assim é com toda pessoa, menina ou menino. Acontece que a autoestima de meninos e homens é muito mais reforçada positivamente na nossa cultura. Isso acontece porque as coisas que meninos fazem recebem mais valor – seja a força, a inteligência..., porque estão mais evidentes – seja pelo esporte, pela política, pela presença na mídia, na religião. A liderança masculina é muito mais reconhecida que a liderança feminina. Os homens têm mais bens, mais poder, mais dinheiro, mais trabalho etc. Quando se trata de homens brancos e mulheres brancas, isso é mais evidente ainda. A beleza branca é mais reforçada e isso impacta muito negativamente a autoestima de mulheres e meninas negras, como de meninos e homens negros. O tipo de corpo feminino altamente divulgado na mídia reforça um padrão de corpo que passa a ser esperado da mulher no cotidiano. Assim, os homens (mesmo aqueles com corpos “fora daquele padrão”) exigem da mulher um corpo padrão ou criticam o corpo da mulher, sentindo-se no direito de fazer tal exigência porque eles aprenderam algo como “eu tenho o direito de exigir tal corpo da mulher”.

Reforço negativo é quando diariamente algo negativo é repetido. Isso vai destruindo o amor-próprio que deve existir em cada pessoa. Uma menina que escuta todos os dias sua mãe sendo criticada tem grande chance de formar uma baixa autoestima, afinal sua imagem de mulher ficará fragilizada.

**Ele me diz que não limpei a casa direito -  
diz que tem teia de aranha lá em cima.**

*“Eu o sustento, e ele zomba de mim.  
Fala do meu corpo e ri do que eu faço na igreja.*

*A vida inteira, quase 30 anos, fiz pasto para os bichos,  
agora ele se meteu numa fria, num golpe de nudes, e a  
culpada sou eu - aí começou a me acusar que eu não  
faço as coisas direito. Diz até que nem pasto para os bi-  
chos sei fazer. Só que faço pasto há mais de 20 anos.*

A repetição e a exposição constante de um padrão, mesmo negativo, criam uma sensação de verdade. A economia pautada no padrão masculino, que historicamente privilegiou os homens, ensina para a mulher e cria nela um sentimento de inferioridade, de inadaptação, uma sensação de que há algo de errado com ela. E ainda dá para as mulheres a certeza de que elas precisam se adaptar, de que elas precisam mudar, de que erradas estão elas. Um ponto central da economia, no caso das mulheres, é o trabalho gratuito em casa e no cuidado de pessoas (1/3 do PIB mundial advém do trabalho gratuito de mulheres).

Assim os reforços positivos fazem o contrário. Um elogio é um reforço positivo. Elogiar as mulheres, irmãs, amigas, mães, companheiras é uma tarefa importante para a recuperação da autoestima. E precisamos falar com autoridade, força, certeza daquilo que está errado. Porque as mulheres costumam acreditar. Isso é um processo. **Ajudar a mulher a acreditar na sua força, na sua beleza, na sua inteligência é “um processo” rumo ao seu amor-próprio. O amor-próprio é um direito evangélico.** A arte de amar tem sido exaustiva para as mulheres. Elas se esvaziam de tanto amar o mundo, as outras pessoas, a Deus, sem que reste amor por si mesmas. Quando a mulher ama a si mesma ela impede que homem abuse dela.

## **Dinâmica da autoestima. Cadê ela - a autoestima, cadê o amor-próprio?**

Procurando a autoestima segundo o texto da moeda perdida (Lucas 18). Antes de mais nada, é indicado fazer duas ou três leituras diferentes do texto no grupo. Em seguida, motivar o grupo com a pergunta sobre a autoestima de cada uma – como vai a sua autoestima? Vai bem ou perdeu, já perdeu alguma vez e recuperou, como foi, quando foi, por que perdeu?

### **Passo 1. Dar-se conta e procurar**

A autoestima se perdeu: como? Onde? É preciso começar por aí. Onde ficou? E criar cenas e cenários com essa pergunta. O grupo pode caminhar pelo espaço, e as mulheres vão perguntando uma para a outra... Oi, amiga, perdi a minha autoestima, onde será que ficou? Minha irmã, eu soube que você perdeu a sua autoestima, quando e como foi, me conte? Oi vizinha, cadê a sua autoestima? Cada mulher é convidada a pensar sobre essa perda (dê algumas ideias de onde e como foi, usando o contexto das violências). E cada mulher deve fazer/criar um pequeno lugar onde ela coloca elementos ou símbolos (na sala ou ao ar livre) de onde foi que perdeu sua autoestima em algum momento da vida.

### **Passo 2. Revelar e mostrar**

Depois, fazer duplas, e uma mulher mostra o lugar com seus símbolos e conta para a outra onde foi que perdeu a sua autoestima.

### **Passo 3. Partilhar na roda de mulheres**

Momento de socializar e ver as semelhanças e diferenças de onde a autoestima foi perdida. Podem ser pequenos grupos de quatro mulheres para garantir tempo de partilha.



#### **Passo 4. Reencontrar a autoestima**

Onde ela está? Onde procurar, por onde começar? É preciso criar espaços para que as mulheres falem e sejam ouvidas, aceitas e valorizadas em suas habilidades (é preciso dar valor a si mesma – aqui é possível resgatar a autoestima desafiando as mulheres a identificar, reconhecer o que cada uma sabe fazer, o que gosta de fazer, quais são seus dons e suas habilidades). É preciso fazer processos, precisa ser real. Então, vale propor: dar uma volta em duplas e uma conta para a outra tudo o que sabe fazer, desde trabalhar fora de casa, como em casa – cozinhar, limpar, cuidar –, formação profissional, cursos e habilidades. É bom que as mulheres sejam instruídas para que instiguem a companheira com a pergunta: o que mais você sabe fazer? O que você já fez na vida? Também é preciso compartilhar coisas que ela gosta nela, e a companheira pode dizer: também acho legal isso em você.

#### **Passo 5. Como você recuperou a sua autoestima?**

É importante que no grande grupo, em roda, algumas mulheres possam partilhar como elas, em algum momento, recuperaram a sua autoestima. Contar o processo, o que fizeram. O caminho de recuperação é o caminho de busca, de procura, de tentativas. Esse é o caminho da mulher da moeda perdida – ela procura até encontrar e depois celebra. Celebrar com amigas e vizinhas parece fazer parte do processo de se sentir bem, recuperar amizades, relações de vizinhança – uma rede de confiança. Esse último passo – criar ou recriar uma rede de relações – é fundamental para o bem-estar, a saúde, a recuperação da autoestima.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/>
2. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contraa-mulher/violencia-contraa-mulher>
3. <https://www.assufrgs.org.br/2020/11/25/25-de-novembro-dia-internacional-da-nao-violencia-contraa-mulher/>
4. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1694-pbestu-profina.pdf>
5. ROESE, Anete: Cuidado terapêutico e espiritual: a abordagem de trabalho com grupos. Revista Caminhando, São Bernardo do Campo, v. 15, n. 2, p. 156-167, jul/dez 2010.
6. CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social. É uma unidade pública da política de Assistência Social oferece apoio e orientação às famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e/ou social por violação de direitos.
7. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contraa-mulher/violencia-contraa-mulher>
8. Vale assistir ao documentário: “[O silêncio dos homens](#)”, que reflete sobre a educação de meninos e seus impactos na vida de homens adultos.
9. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 136.
10. GILL-AUSTERN, Brita. Love understood as self-sacrifice and self-denial: what does it do to women? In: MOESSNER, Jeanne Stevenson (ed.). *Through the eyes of women: insights for Pastoral Care*. Minneapolis: Augsburg Fortress Press, 1996. p. 310.



FORTALECIMENTO DA  
AÇÃO COMUNITÁRIA



ELM Hermannsburg  
Partner in Mission



FEDERAÇÃO  
LUTERANA  
MUNDIAL

